

## TELURISMO E HUMANISMO EM *BICHOS*, DE MIGUEL TORGA

### TELLURISM AND HUMANISM IN *BICHOS*, BY MIGUEL TORGA

Gustavo Henrique Rückert<sup>1</sup>

**Resumo:** O presente trabalho propõe uma análise do livro de contos *Bichos*, de 1940, do escritor português Miguel Torga, a partir da questão do humanismo telúrico. De acordo com Eduardo Lourenço, no ensaio intitulado *Um nome para uma obra*, o humanismo telúrico é um princípio organizador da obra de Torga e já está presente no próprio nome artístico adotado pelo contista. Dessa forma, será abordada a questão da representação e da construção desses sentidos no universo ficcional desses contos. A pertença à região de Trás-os-Montes e a própria vida em um sentido biológico, sendo representada pela terra e pela germinação, são aliadas a uma constante busca existencial, possibilitada pela dimensão psicológica de personagens animais/humanos em um movimento de analepse em momentos derradeiros como morte, aborto ou assassinato que recupera a narrativa de suas vidas e de suas angústias.

**Palavras-chave:** Miguel Torga, *Bichos*, humanismo telúrico.

**Abstract:** This work intends to analyze, with the question of telluric humanism, the short stories of the book *Bichos* (1940), by Portuguese writer Miguel Torga. According to Eduardo Lourenço, in the essay called *Um nome para uma obra*, the telluric humanism is an organizing principle of the Torga's work. It is present even in the pen name adopted by the short stories writer. Thus, in this work will be approached the question of representation and construction of these senses in the fictional universe of the *Bichos*. The belonging to the region of *Trás-os-Montes* and the life as a biological sense (represented by earth and germination) are added with a constant existential quest. This is possible by the psychological dimension of the animal/human characters, which recovers the narrative of their lives and anguishes through the use of analepsis in moments such as death, abortion or murder.

**Keywords:** Miguel Torga; *Bichos*; telluric humanism.

*Um nome para uma obra:* não poderia ser mais adequado o título com o qual o crítico Eduardo Lourenço (1994) intitula um artigo seu sobre o escritor Miguel Torga. Nele, Lourenço reflete acerca dos significados do *nom de plume* do médico Adolfo Rocha. Primeiramente, Torga é o nome de um arbusto típico da região de Trás-os-Montes. Essa planta fixa profundamente suas rígidas raízes no solo pedregoso das montanhas, alcançando água e estabilidade para sobreviver ao rigoroso inverno da

---

<sup>1</sup> Doutorando em Literaturas Portuguesa e Luso-Africanas pelo Programa de Pós Graduação em Letras da UFRGS, orientado pela professora Jane Tutikian. E-mail: gh.ruckert@ig.com.br

região. “Assim como eu sou duro e tenho raízes em rochas duras, rígidas (...)”, explicava o próprio autor.<sup>2</sup> Já o nome Miguel, o mesmo do arcanjo, insere o artista em uma tradição de vultos humanistas: além do renascentista italiano Miguel Ângelo, os ibéricos Miguel de Cervantes e Miguel de Unamuno.

Dessa forma, Miguel Torga fundamenta seu nome em duas bases: o telurismo e o humanismo. O telurismo por intermédio da sua estreita vinculação com a terra e com os ciclos biológicos, em especial com a região de Trás-os-Montes. Em toda a sua obra, o escritor sempre se manteve atento às dificuldades da vida agrária e das adversidades climáticas de sua região. Já o humanismo está presente na constante reflexão de busca de sentidos para a existência a que são submetidos os seus personagens.

Sendo assim, encontramos, a partir do próprio nome adotado, uma certa unidade para a obra desse autor. Segundo Eduardo Lourenço (1994), a auto-nominação Miguel Torga é reveladora não apenas de uma admiração pela região de origem e por determinados artistas e pensadores, mas de uma auto-mitificação identitária, inserindo-se como herdeiro e representante dessas duas distintas tradições no meio literário. Entendendo, portanto, o próprio nome como o princípio organizador da obra do escritor português, tomaremos essas reflexões como possível chave de leitura para o entendimento do livro de contos *Bichos*, de 1940.

Em *Bichos*, assim como em outras obras, Torga procura atingir certa comunhão com o outro. Embora o escritor não acredite que ele mesmo possa explicar sua obra, “nenhuma árvore explica os seus frutos” (TORGA, 1961, p.10), isso fica claro desde o prefácio (da quarta edição), no qual o

---

<sup>2</sup> Fonte: Casa-Museu Miguel Torga. (Disponível em <http://www.cm-coimbra.pt/cmmtorga/mtorga.htm>. Acesso em 01/11/2011).

autor dirige-se ao leitor salientando a irmandade de suas angústias comuns e fala de uma “solidariedade de berço, umbilical e cósmica” (TORGA, 1961, p8). Também no prefácio (da segunda edição) dos *Novos contos da montanha*, Torga revela a intenção de compartilhar uma angústia existencial com seus leitores:

tomei o compromisso em teu nome (leitor amigo), o que quer dizer em nome da própria consciência coletiva. Na tua idéia, o que escrevo como por exemplo estas histórias, é para te regalar e, se possível for, te comover. (TORGA, 2008, p. 8).

Nessa preocupação fraternal de autor para com os seus leitores, leia-se também entre os homens, revela-se uma dialética idealista da qual se constitui a noção de humanismo em questão. “O mundo é uma realidade universal desarticulada em bilhões de realidades individuais”, reflete o escritor no seu *Diário*, em 11 de Janeiro de 1938. Esse ideal de universalidade só é possível para ele a partir do individual. Dessa forma, é na dialética romântica de Hegel que o pensamento é sustentado. Para o filósofo alemão, as idéias só existem no espírito, pelo espírito e para o espírito. A arte, portanto, só pode ser produzida pelo espírito e no espírito (em uma consciência individual), porém ela é destinada para uma sublimação que é a comunhão com o outro (para os espíritos).

Essa noção da arte como apelo de um espírito (autor) mas que chega aos outros espíritos (leitores) pela sensibilização é a base dessa missão humanista a que se submete o escritor português. Eduardo Lourenço (1955) chega a falar de um desespero humanista de Torga. É claro que, atualmente, depois de Nietzsche, de Heidegger, e, mais recentemente, de Derrida, as noções metafísicas de alma, espírito, *geist* ou *éllan* parecem distantes, assim como o próprio Belo de Hegel. No entanto, uma vez que Miguel Torga demonstra a crença em um humanismo que parece

fundamentado nessa dialética, essas noções tornam-se importantes para o entendimento de seus escritos.

Se é em busca dessa solidariedade de berço, umbilical e cósmica que Torga escreve a partir do individual, cabe, primeiramente, refletir acerca de quem é esse individual em *Bichos*. Os homens simples e relacionados à terra e à agricultura costumam ser as personagens do escritor, uma vez que eles seriam representativos de uma certa essência imanente. É a partir da alma deles que se poderia chegar a outras almas. No conjunto de contos em questão, o autor vai além e toma como personagens os animais (alguns típicos de Trás-os-Montes e outros não). Inclui-se os homens nesse universo de animais que demonstram apego à terra e uma inquietante angústia existencial. Esses são os valores sensíveis a qualquer alma e que tornariam universal esse projeto do humanismo a partir do telurismo de Miguel Torga. Interessa pensar de que forma essas narrativas possibilitam as questões já mencionadas.

A maior parte dos contos de *Bichos* é estruturada a partir do recurso da analepse (cf. Genette). Normalmente, a situação inicial apresenta as personagens em situações derradeiras como a morte, o cometimento de um aborto, de um assassinato e etc. A partir de então, o narrador parte para uma reflexão existencial, trazendo ao leitor a trajetória daquela personagem até o derradeiro momento. Cabe lembrar que o grupo da revista *Presença*, do qual fazia parte Miguel Torga, foi responsável pela tradução e pela introdução em Portugal de algumas obras de Bergson, Freud, Proust e Dostoievski, entre outros. Como consequência, a literatura do grupo tende a uma consciência introspectiva e à imaginação psicológica.

José Régio, no artigo *Literatura livresca e literatura viva*, que funcionou como manifesto do grupo, aponta para valores da região mais

---

“profunda, inocente e virgem”, para uma recriação individual do mundo germinando a partir do inconsciente (Cf. Lopes e Saraiva). A literatura viva, que é o ideal que perseguiram, era uma transposição imaginativa de uma consciência introspectiva. “A arte é uma recriação individual do mundo. (...). É que na Obra de Arte, o mundo existe através da individualidade do Artista” (RÉGIO, 1928, p.2)

Daí a riqueza psicológica desses momentos de busca de sentidos para a existência das personagens de Torga. Esse sentido parece estar na própria integração à natureza, porém, em meio às vicissitudes, essa essência parece ter sido perdida. Buscar essa essência de comunhão com a natureza, no sentido de integrar uma unidade, parece ser, no fim das contas, a grande questão existencial das personagens. Eis um desafio que é individual para o autor: tornar-se parte do universal, que é entendido como uma perfeita totalidade. “Uma cadeia imensa, perfeita e fechada com a casca de um fruto” (TORGA, 1940, p. 110).

Tomemos como exemplo o conto *Bambo*. O sapo Bambo inicia a narrativa morrendo: o filho do novo caseiro da fazenda, um menino de gênio mau, espeta-lhe uma estaca no lombo e crava-o de barriga para cima na terra, secando ao sol. Em analepse, o narrador relembra a vida do sapo. Com uma aproximação lenta e tímida, ele acabou amigando-se do antigo caseiro, o Tio Arruda. Este se inquietava com o silêncio daquele. Contudo, com o passar do tempo, aprendeu com o sapo a encher de significados o silêncio: “E a verdade é que nunca encontrara tanto sentido e beleza às coisas que o rodeavam, como naquelas horas silenciosas... (...) Até as próprias sombras faziam confidências ao entendimento.” (TORGA, 1961, p. 65).

Mais do que aprender que luar e silêncios significam e falam, Tio Arruda acabou aprendendo com Bambo a ciência da vida e do amor pela

essência da terra: a germinação. “Ao lado da sua serenidade e do seu apego à terra, do que nela havia de essencial – o dom de fecundar e parir – ia conseguindo auscultar as imponderáveis palpitações da seiva”. (TORGA, 1961, p.66). Tio Arruda, porém, pegou um resfriado e morreu. E um novo caseiro chegou à fazenda, para fazer com que a analepse chegasse ao presente narrativo para que o conto pudesse ser finalizado.

O aprendizado existencial ensinado pelo sapo Bambo serve de chave para o entendimento de todos os outros contos: o cão Nero que relembra a vida ao morrer por tiro do amigo do próprio dono; o gato Mago que, tendo apanhado dos outros gatos na rua, retorna para os gordos braços de sua dona; a humana Madalena que dá a luz a um feto morto, fruto escondido de uma tarde com Armindo; o cavalo Morgado, abandonado pelo seu dono para a morte em meio aos lobos; o macaco Bingo que, maltratado pelos homens, espera um tiro libertador; e assim por diante... As vicissitudes geram um desespero pela busca do sentido perdido: a ciência da vida.

Chama atenção a presença de seres humanos protagonizando alguns contos dessa obra (não à toa) intitulada *Bichos*. Se os animais são apresentados, de certa forma, humanizados (com conhecimento, questionamento e a angústia da reflexão existencial), o contrário acontece com os seres humanos, que são animalizados na obra. Madalena aborta e limpa o sangue com fetos secos. Ramiro, pastor que não fala nem com a mãe, desfere um golpe de foice e mata Ruela, outro pastor que matara sua ovelha mais bonita. O momento pedia uma palavra de Ramiro: mas ele somente assobia para continuar conduzindo o seu rebanho. Nicolau, colecionador de insetos, é cravado pela espinha com um nome em latim escrito ao seu lado e morre à espera de sua caixinha, como seus próprios exemplares de insetos. Os seres humanos da obra não refletem de modo tão

---

profundo como os animais, mesmo em atos que isso sugerem, não falam e são arquivados. No entanto, se falamos em animalização desses seres humanos, não falamos em desumanização. O comportamento deles mostra o que é, tradicionalmente, atribuído aos animais. Essas características, porém, são reveladas como comuns ao humano.

O último conto da obra, *Vicente*, é bastante significativo para as reflexões propostas aqui. O corvo Vicente revolta-se contra a fúria implacável de Deus e foge da arca de Noé. Afinal, que culpa teriam os animais dos pecados do arbítrio do homem? Sem razão, Deus matara todos os animais menos dois de cada espécie... A arca chega no topo de uma montanha e lá está Vicente. O mar cresce gradualmente no desafio entre Deus e o corvo. O animal permanece resolutivo, disposto a morrer em protesto. Melancolicamente, Deus sucumbe para salvar sua própria obra e fecha as comportas do céu. A autoridade divina, nesse conto, acaba cedendo à própria vida, que se insere de maneira harmônica nessa totalidade “imensa, perfeita e fechada como a casca de um fruto”. Mesmo Deus não poderia ameaçar essa unidade.

É partindo da consciência da reflexão individual da vida simples de Trás-os-Montes que Torga, em *Bichos*, pretende chegar a uma noção de humanismo. Esse amplo humanismo abarca mais que os seres humanos, os seres. Todos são bichos e, inclusive, nos contos são os animais que ensinam aos homens a ciência da vida que torna esse humanismo (ou bichismo?) possível. “São horas de te receber no portaló da minha Arca de Noé” (TORGA, 1961, p.7), convida Torga aos seus leitores no prefácio. A partir de uma recriação individual do mundo, como propôs a *Presença*, que, na obra em questão, parte de uma condição telúrica e de reflexão existencial,

ele pretende chegar a todas as individualidades, para mostrar uma “solidariedade de berço, umbilical e cósmica”.

### Referências

Casa-Museu Miguel Torga. Disponível em <http://www.cm-coimbra.pt/cmmtorga/mtorga.htm>. Acesso em 01/11/2011.

DIAS, Fernando Paulo Rosa. **A teoria da “Presença”**. Disponível em <http://www.idearte.org/texts/68.pdf>. Acesso em 07/11/2011.

GENETTE, Gerard. **Discurso da narrativa**. Trad. Fernando Cabral Martins. Lisboa: Vega, s/d.

HEGEL, Friedrich. **Preleções sobre a Estética**. In: **O Belo Autônomo**. Organização e seleção de Rodrigo Duarte. Belo Horizonte: UFMG, 1997.

LOPES, Oscar e SARAIVA, António José. **História da Literatura Portuguesa**. Porto: Porto Editora, 2005.

LOURENÇO, Eduardo. **O desespero humanista de Miguel Torga e o das novas gerações**. Coimbra: Coimbra Editora, 1955.

\_\_\_\_\_. **Um nome para uma obra**. In: **Aqui, neste lugar e nesta hora**: actas do primeiro congresso internacional sobre Miguel Torga. Porto: Universidade Fernando Pessoa, 1994.

MELO, José de. **Miguel Torga**. Lisboa: Acádia, s/d.

RÉGIO, José. **Literatura livresca e literatura viva**. In: **Presença**. Coimbra: nº 9, fevereiro, 1928.

RIBEIRO, Maria Aparecida. **Alguns aspectos de Miguel Torga**. In: **2º congresso brasileiro de língua e literatura**. Rio de Janeiro: Gernasa, 1971. P. 271-277.

TORGA, Miguel. **Bichos**. Coimbra: Coimbra Editora, 1940.

\_\_\_\_\_. **Bichos**. Coimbra: Coimbra Editora, 1961.

\_\_\_\_\_. **Diário**. Coimbra: Coimbra Editora, 1967.

\_\_\_\_\_. **Novos contos da montanha**. Alfragide: Leya, 2008.